

A presença do silêncio nas cartas portuguesas, de Sórora Mariana Alcoforado

The presence of silence in portuguese letters, by Sister Mariana Alcoforado

La presencia del silencio en las letras portuguesas, de Sor Mariana Alcoforado

DOI: 10.54033/cadpedv22n10-010

Originals received: 6/30/2025

Acceptance for publication: 7/24/2025

Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini

Doutoranda em Letras

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: silvestriniregina@gmail.com

RESUMO

Nas *Cartas Portuguesas*, de Sórora Mariana Alcoforado, o silêncio emerge como força motriz da escrita, refletindo a resistência à dor e à ausência do amado. Esse silêncio é transformado em palavras que expressam a confusão emocional e a busca por identidade, de Sórora Mariana, desafiando as normas sociais e religiosas de sua época. A escrita nasce de um vazio emocional, convertendo o sofrimento e a introspecção em narrativas, como no trecho “Espedacem-me impulsos desencontrados” (Freire, 1962), que ilustram o silêncio carregado de significados. Para Sciacca, o silêncio é essencial à profundidade da palavra, funcionando como espaço de interioridade e introspecção, permitindo que o sujeito confronte suas verdades e angústias. Essa relação dialética entre silêncio e palavra torna-se um ponto central na obra de Sórora Mariana, ao revelar que o amado ausente encontra-se presente em todo o discurso, simbolizando a fusão paradoxal entre ausência e presença. Sórora Mariana rompe o silêncio histórico imposto às mulheres de sua época, através da escrita como forma de resistência e afirmação de sua individualidade. Em nossa leitura procuramos demonstrar como o silêncio, ao dialogar com a palavra, transcende o âmbito pessoal e se torna uma forma de resistência, introspecção e transcendência, reafirmando a complexidade da experiência humana.

Palavras-chave: Cartas Portuguesas. Sórora Mariana Alcoforado. Silêncio. Normas.

ABSTRACT

In Sister Mariana Alcoforado's "Carta Portuguesa," silence emerges as the driving force behind her writing, reflecting her resistance to pain and the absence of her beloved. This silence is transformed into words that express Sister Mariana's emotional turmoil and search for identity, challenging the social and religious norms of her time. Her writing springs from an emotional void, transforming suffering and introspection into narratives, as in the passage "Unsettled impulses tear me apart" (Freire, 1962), which illustrates a silence laden with meaning. For Sciacca, silence is essential to the depth of the word, functioning as a space for interiority and introspection, allowing the subject to confront their truths and anxieties. This dialectical relationship between silence and words becomes a central point in Sister Mariana's work, revealing that the absent beloved is present throughout her discourse, symbolizing the paradoxical fusion of absence and presence. Sister Mariana breaks the historical silence imposed on women of her time through writing as a form of resistance and affirmation of her individuality. In our reading, we seek to demonstrate how silence, when dialoguing with words, transcends the personal and becomes a form of resistance, introspection, and transcendence, reaffirming the complexity of the human experience.

Keywords: Portuguese Letters. Sister Mariana Alcoforado. Silence. Rules.

RESUMEN

En la "Carta Portuguesa" de la Hermana Mariana Alcoforado, el silencio emerge como motor de su escritura, reflejando su resistencia al dolor y la ausencia de su ser amado. Este silencio se transforma en palabras que expresan la agitación emocional de la Hermana Mariana y su búsqueda de identidad, desafiando las normas sociales y religiosas de su época. Su escritura surge de un vacío emocional, transformando el sufrimiento y la introspección en narrativas, como en el pasaje "Impulsos inquietos me desgarran" (Freire, 1962), que ilustra un silencio cargado de significado. Para Sciacca, el silencio es esencial para la profundidad de la palabra, funcionando como un espacio de interioridad e introspección, permitiendo al sujeto confrontar sus verdades y angustias. Esta relación dialéctica entre el silencio y la palabra se convierte en un punto central en la obra de la Hermana Mariana, revelando que el ser amado ausente está presente en todo su discurso, simbolizando la fusión paradójica de la ausencia y la presencia. Sor Mariana rompe el silencio histórico impuesto a las mujeres de su tiempo a través de la escritura como forma de resistencia y afirmación de su individualidad. En nuestra lectura, buscamos demostrar cómo el silencio, al dialogar con las palabras, trasciende lo personal y se convierte en una forma de resistencia, introspección y transcendencia, reafirmando la complejidad de la experiencia humana.

Palabras clave: Letras Portuguesas. Sor Mariana Alcoforado. Silencio. Normas.

1 INTRODUÇÃO

Sóror Mariana Alcoforado (1640-1723) nasceu em Beja no dia 22 de abril de 1640, filha de Francisco da Costa Alcoforado e de Leonor Mendes. Entrou para o convento de Nossa Senhora da Conceição aos onze anos de idade, ainda incompletos e o seu dote foi negociado por seu pai. De acordo com Manuela Gonzaga (2003) “[...] já estava entorpecida de desgosto e espanto. A decisão pusera fim a todos os seus enevoados e poderosos sonhos, fora tão rápido, ou pelo menos, fora-lhe participada de forma tão inesperada, que a criança não teve tempo para refletir em todas as suas consequências”. Foi recebida pela Abadessa D. Maria Mendonça, que possuía uma casa particular, Mariana frequentava o Mosteiro como pupila e conhecia grande parte das freiras e noviças. Seu pai mal a visitava, a mãe estendia-lhe os dedos entre as grades e chorava. Queixava-se de seu marido, que queria apenas herdeiros e ela continuava a lhe fornecer. Mariana vestiu o hábito somente aos dezesseis anos, da Ordem de Santa Clara, as freiras Clarissas, que faz parte da Família Franciscana. Trabalhava como escritã no convento, onde anotava todos os fatos mais importantes da vida conventual.

Mais tarde, ela professou sua fé, tornando-se ‘Madre Mariana Alcoforado’ e, por decisão das freiras mais velhas, foi designada escritã e bibliotecária do convento. Sua vida decorria em paredes cheias de livros, pergaminhos com as biografias da vida das monjas falecidas do mosteiro, livros dos santos da Igreja Católica e sempre que possível lia obras em francês. Seus momentos de paz, porém, foram interrompidos, quando faleceram sua amiga Abadessa Maria Mendonça e sua mãe D. Leonor.

Anunciada a Guerra da Restauração temida e aguardada na planície alentejana, ambos os lados lutavam em todas as frentes. Portugal limitava-se à guerra de escaramuça¹, às guerrilhas de fronteira levadas ao limite todas as forças da nação e logo os cofres do tesouro foram esvaziados. Segundo Gonzaga (2003)

¹ **Escaramuça**: combate de pouca importância; rápido combate entre dois exércitos inimigos; conflito, desordem. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Universo, 1992. Página 438.

Mas a Espanha não estava em melhores condições. A Guerra dos Trinta anos, a Questão de Catalunha, a rebelião do duque de Medina Sidónia, levava a tropa as espanholas para longe da fronteira portuguesa. Montijo, Linhas de Elvas, Castelo Rodrigo, Ameixal, traziam os ecos das vitórias dos portugueses. Mas o resultado final era impossível de prever, porque vitórias e derrotas eram notícias pendulares, que pareciam bafejar indistintamente ambos os contentores.

Entretanto, enquanto Portugal lutava pela sua sobrevivência como nação, a Espanha exauria-se no esforço de muitas batalhas. Foi então que, cessada a guerra que mantinham com a França, os espanhóis resolveram concentrar todas as suas forças em um ataque a Portugal, que resolvesse a situação de uma vez por todas. O Alentejo seria o cenário de batalha final.

Em 1660, chega Schomberg a Portugal para auxiliar na luta contra a Espanha, Beja era o centro do movimento militar. Em 1663, chega Chamilly, destacado para ser capitão do regimento de Briquemault. Conforme Guimarães (1960), do convento podiam se ver as planícies onde ficavam os soldados de Chamilly. Foi dali que Mariana, provavelmente da varanda, o tenha visto pela primeira vez. Conforme Gonzaga (2003, p. 107)

“[...] seu coração palpitou, docemente perturbado, e ela baixou logo o olhar, modestamente, como deveria ser. Os cílios tocaram como uma carícia à face branca, que ainda mais branca se tornara. As narinas aflaram levemente. Foi tudo muito rápido. Lá embaixo ondulavam as fileiras de soldados. E tudo ficaria nisso mesmo, não fosse o capitão conceber pela doce enclausurada o que se chamava um *caprice de garnison*”.

Segundo Guimarães(1960), no dia seguinte, Mariana pode vê-lo de perto durante a missa. Chamilly era um homem experiente, galante, bem-falante, não iria deixar de se interessar por uma moça jovem e bonita, como Mariana. Não demorou muito para que ele conseguisse adentrar na cela dela. Chamilly dizia-lhe palavras fortes, poderosas, elogiava sua beleza, afirmando que se ela entrasse em qualquer dos salões em que frequentava em Portugal ou na França, na própria corte do Rei, nenhuma dama lhe seria comparada. Elogiava-lhe os olhos preciosos, o tom da pele, os gestos a graciosidade incomparável das suas mãos. Guimarães (1960) descreve que no primeiro encontro com Chamilly: “[...] seu coração palpitou, docemente perturbado, e ela baixou o olhar modestamente

como devia ser. Os cílios tocaram como uma carícia a face branca, que ainda mais branca se tornara. As narinas aflaram levemente. Foi tudo muito breve”. (p.107).

O pai de Mariana era um homem muito influente e descobriu o romance. Exigiu que Chamilly que retornasse a França imediatamente, e ele acatou a ordem e, sem se despedir, deixou apenas uma carta, que provocou um desmaio, assim que a recebeu: “Ai de mim! Meus olhos ficaram privados da única luz que os animava, só lhe restam lágrimas, nem eu lhes dou o único exercício, senão o de chorar continuamente, desde o instante em que soube da separação, para mim intolerável, que, em breve tempo, me acabará”. (Freire 1972, p.17)

Dessa separação, nasceram as *Cartas*, a princípio, um livrinho escrito em francês anônimo, encontrado por Rui Melo, cunhado de Mariana. Traduzidas do francês por Felinto Elísio, em 1810, as *Cartas* provocaram numerosas polêmicas, sobretudo em torno de sua autoria aceita e atribuída à freira de Beja, apesar de ainda permanecerem algumas dúvidas sobre essa primeira versão em francês, girando em torno de uma alteração do possível tradutor, o número das cartas, se cinco apenas ou mais e em que ordem elas surgiram. Aceitando a ordem em que se encontram, observa-se uma gradação, cujo ponto culminante reside na terceira, pela tensão dolorosa entre o sentimento e a razão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE RELATO SOBRE O SILÊNCIO

A palavra silêncio é definida no dicionário como: estado de uma pessoa que cessou ou se abstém de falar ou de produzir qualquer som, ausência de ruído, sossego, calma, descanso, sigilo, segredo, interrupção do discurso, omissão ou como interrupção de correspondência.

Eni Orlandi (2007) explica que o silêncio não é simplesmente uma ausência de palavras e uma forma de discurso em si, argumentando que ele carrega sentidos, muitas vezes implícitos e latentes, que são construídos pela relação entre o que é aqui e o que não é aqui. O silêncio é tratado como uma

maneira de dizer que depende do contexto e dos posicionamentos dos sujeitos. Ele pode ser uma escolha do falante para ocultar ou sugerir informações, uma imposição social que restrinja a voz dos indivíduos, ou uma estratégia de resistência para contestar discursos hegemônicos. Segundo Orlandi (2007) a comunicação e os sentidos mais profundos estão ancorados no que não é verbalizado, no espaço entre as palavras, em o não-dito que é tecido junto com o enunciado. O silêncio não é uma simples interrupção do discurso, mas é o que permite o surgimento da interpretação, configurando-se como um elemento essencial para a circulação do sentido. Para a autora, “o silêncio é assim a “respiração” (o folego) da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (2007, p.13). O silêncio é o não dito da linguagem, possui significância própria na linguagem, é a garantia do movimento dos sentidos. As palavras são múltiplas e o silêncio também.

Para Sciacca (1967, p.23), “[...] a palavra nasce do silêncio, vive no silêncio culmina no silêncio, última palavra, além de qualquer palavra”. E complementa, afirmando que qualquer palavra se origina do silêncio, do nosso interior, que é a sua matriz. O amor une o silêncio e a palavra, ligando a interioridade com sua forma. O silêncio está vinculado ao não-dito e ao implícito, promovendo uma reflexão sobre os limites da linguagem. Exemplificam os textos de Mariana Alcoforado, que permeiam o silêncio em suas *Cartas* para expressar os seus sentimentos por meio de expressões e silêncios.

Entende-se que o silêncio é uma forma de discurso, que argumenta e que carrega sentidos, muitas vezes, implícitos e latentes. O silêncio é tratado como uma maneira de dizer que depende do contexto e dos posicionamentos dos sujeitos. Pode ser uma escolha do falante para ocultar ou sugerir informações, uma imposição social que restrinja a voz dos indivíduos, ou uma estratégia de resistência para contestar discursos hegemônicos.

O silêncio não fala, significa. Significa de maneira ampla como objeto de reflexão para filósofos, psicanalistas, semiólogos e linguistas. Nele podemos ver a multiplicidade de objetos de estudos como: silêncio das emoções, da contemplação, da introspecção, o da revolta, da persistência e o silêncio místico. Nas *Cartas Portuguesas*, o silêncio das emoções, da revolta e da persistência.

Nessa importante e triste correspondência, o silêncio solidifica-se como matriz do discurso apaixonado da freira. O longo tempo de espera por notícias do amado cria um espaço de silêncio carregado de dor, quando sua interioridade elabora pensamentos e sentimentos intensos. Ao escrever, a palavra se apresenta como uma extensão desse silêncio, carregando toda a angústia e a paixão acumuladas.

Sciacca (1967) esclarece que, de forma semelhante, toda palavra que pronunciamos nasce do silêncio, da nossa interioridade, que é a sua origem. O amor atua como uma conexão entre o silêncio e a palavra, funcionando como um elo que une a essência interior e sua expressão. Assim, na palavra falada, reconhece-se a palavra silenciosa que a originou. O autor sugere que, mesmo quando o silêncio se transforma em expressão verbal, ele não é anulado ou eliminado; ao contrário, permanece presente como parte essencial da palavra proferida. Esse "silêncio na palavra" pode ser entendido como os espaços de significação que vão além do som ou do conteúdo explícito, conferindo à palavra uma densidade simbólica e emocional.

Esses silêncios "acompanhados e revestidos" são fundamentais para a comunicação humana. Eles podem se manifestar em pausas, tons ou contextos que transcendem a literalidade da fala. Nesse sentido, Sciacca aponta para a interdependência entre silêncio e palavra, em que um não existe sem o outro. O silêncio não é apenas ausência de som, mas uma presença de profundidade e autenticidade à palavra, tornando-a não apenas uma ferramenta de comunicação, de contemplação e relação.

É o elemento essencial que dá sentido à "sonoridade", e os sons existem em relação aos silêncios. Um discurso contínuo, sem pausas, torna-se incompreensível, uma vez que não é apenas o espaço entre as palavras, mas atua como uma ponte que conecta os sons, criando harmonia. Ele é o vazio que dá forma ao som, assim como as sombras realçam as cores em uma pintura ou as pausas intensificam as notas em uma melodia. Um único instante de silêncio concentra todo o peso do tempo de nossa existência: nele estão contidas todas as memórias, todas as presenças e ausências, e todas as decepções. Em um momento, o silêncio acolhe tudo. Mesmo ao se converter em palavra, o silêncio

permanece intrínseco à expressão verbal, impregnando-a de sua presença. A palavra que dele emerge carrega consigo outros silêncios densos de significado, que acompanham e revestem, conferindo-lhe camadas de profundidade e ressonância simbólica.

Sciacca (1967, p.46) explica que nos sentimentos essenciais, nas esperanças desesperadas, nas esperas desiludidas, nas tristezas radicais, as palavras que urgem e permanecem sufocadas na garganta são retidas pelo silêncio. Para o autor, “Ouve-se em silêncio. A dor silenciosa, anula qualquer rumor, mesmo o arfar da respiração. A profundidade do silêncio é taciturna, necessita de “interioridade”.

2.2 O SILÊNCIO E A EPISTOLOGRAFIA

Rocha (1965) examina a evolução e a importância da escrita epistolar na tradição literária portuguesa, abordando a carta como um gênero complexo que se situa entre o registro íntimo e o discurso público. Inicia sua análise descrevendo como as cartas revelam tanto a subjetividade dos indivíduos quanto as normas sociais e culturais de sua época. “A carta é, ao mesmo tempo, confissão e convenção” (ROCHA, 1965, p. 15), observa o autor, destacando a dualidade intrínseca do gênero epistolar, em que o pessoal e o social se entrelaçam para criar uma forma única de expressão.

A epistolografia é uma forma de narrativa que privilegia a relação entre remetente e destinatários, uma relação que transcende o tempo e o espaço e que cria um campo de “intimidade intermediada”. Essa modalidade de comunicação escrita é permeada por um pacto de sinceridade e confidencialidade, apesar de não ser livre de representações e artifícios literários. A carta não é um espelho fiel da subjetividade, mas, sim, uma construção discursiva que expressa e oculta, ao mesmo tempo, sublinhando o caráter performativo da escrita epistolar, a sinceridade e o artifício coexistem.

No tocante ao estilo e à estrutura, Rocha explica que as cartas são marcadas por sua espontaneidade aparente e pelo caráter fragmentário. “A carta é, por excelência, uma forma aberta, que aceita a incompletude e a

descontinuidade, pois nasce do instante e é destinada a um outro distante” (ROCHA, 1965, p. 61). Destacando a maneira como a epistolografia oscila entre o fragmentário e o contínuo, e como essa dinâmica reflete a experiência humana de forma peculiar e expressiva: “O escritor fala de si no presente, e não necessita de entronizar – mesmo com dolorosa ironia – o outro, que lhe é exterior. Limita-se a procurar para cada dor, uma indignação, para cada injustiça do destino, o lenitivo desabafo, chão e cingido de cada dia[...]” (Rocha, 1965, p.381)

Em relação ao seu valor literário, Rocha (1965) aponta para a capacidade da epistolografia de transcender sua função prática e documental, para se tornar um espaço de experimentação e reflexão. Ele menciona que “[...] as cartas têm o potencial de se tornar documentos literários pela profundidade emocional e pela criatividade com que os remetentes exploram o idioma” (Rocha, 1965, p. 76). Dessa forma, o autor vê a epistolografia como uma forma de arte que permite uma introspecção singular, na qual o escritor se revela e, ao mesmo tempo, constrói uma imagem de si própria.

Sóror Mariana Alcoforado marcou sua presença na epistolografia portuguesa do século XVII, ao publicar as *Cartas Portuguesas*. Traduzidas do francês por Filinto Elísio, em 1810, provocaram numerosas polêmicas, sobretudo, em torno de sua autoria. Admitindo-se serem escritas por uma freira da pequena cidade de Beja, em Portugal, há dúvidas sobre a primeira versão em francês e uma possível alteração do tradutor, além do número exato das cartas: se foram cinco apenas e em que ordem elas surgiram. Aceitando-se, porém, a sequência de sua publicação, observa-se uma gradação, cujo ponto culminante reside na terceira carta, onde se registra a tensão dolorosa entre o sentimento e a razão, momento em que o sofrimento atinge seu limite máximo, revelado por uma linguagem precisa, concisa e plástica.

Escritas primeiramente sob a emoção de um amor imenso, cedo estimulado e magoado pela ausência, sob a vaga esperança de um reencontro, depois sob a certeza pungente e definitiva da completa separação, as Cartas desnudam a alma de uma mulher que fez do amor a razão única de sua existência. A princípio, são escritas para melhor compreender o sentimento novo e estranho que desordenava o viver de uma freira e, mais tarde, para libertar a

dor e o sofrimento da separação. Rocha (1965, p. 196) conclui com a seguinte afirmação:

Com efeito, mesmo admitindo que as *Lettres Portugaises* devam o seu substrato a autênticas cartas duma freira portuguesa enamorada – Mariana Alcoforado ou outra -, o aproveitamento que delas fez o redactor francês constitui tão evidente sobreposição literária, que as faz cair na alçada do romance epistolar mais que no domínio da epistolografia propriamente dita, quando mais não fosse por lhes ter tirado as credenciais de lugar, data, destinatário e assinatura tão características do gênero.

Quanto à questão da autoria, há dificuldades na formulação de um juízo sobre o seu conteúdo, conforme Freire (1962, p.14).

As diferentes opiniões formuladas sobre o “enigma” junta-se ainda a de as Cartas pertencerem a autor ignorado, correspondendo a sua gênese a uma ideia dominante pela qual os portugueses seriam o símbolo do espírito amoroso de todos os tempos [...] de Sórora Mariana, ou não, a verdade é que as ‘Cartas de Amor’ traduzem uma força de sentimento considerada na Europa do tempo como característica da alma portuguesa

As *Cartas Portuguesas* nos remetem a uma realidade causada pela dor de uma separação amorosa. Escritas em francês, os seus originais extraviaram-se, não existindo, por isso, possibilidade de informar se, originalmente foram escritas em português ou francês, conforme já discutido. Supõe-se que tivessem sido escritas em português e atribuindo-lhes valor, procurando diferentes autores para que adquirissem a forma portuguesa.

Quando o escritor faz uso da escrita de cartas para expressar ou mesmo comunicar, ele faz uso do silêncio, pois conforme diz Orlandi (2007, p.28) “As palavras são múltiplas, mas os silêncios também o são”. Através dela o homem consegue colocar sua espiritualidade e expressar suas reflexões através da linguagem. Complementa que “O silêncio não está disponível à visibilidade, não diretamente observável. Ele passa pelas palavras”. (Orlandi 2007 p.32).

2.3 O SILÊNCIO NAS CARTAS PORTUGUESAS

O silêncio fundador se destaca como um conceito chave que une as reflexões de Eni Orlandi (2007) sobre esse importante assunto. Enquanto condição primeira, não é apenas uma ausência de som; é uma fonte de significação que fundamenta todas as formas de expressão. A autora, ao enfatizar o silêncio como um espaço de resistência sugere que, enquanto fundador, é onde se inicia a luta por reconhecimento e voz. É nesse silêncio que os indivíduos e grupos marginalizados podem articular suas identidades e experiências, trazendo à tona narrativas que desafiam o *status quo*.

Nas *Cartas Portuguesas* no texto "*Que vai ser de mim, e que queres tu que eu faça? Estou tão longe de tudo o que futurei!*" (Freire 1972, p.28) demonstra que a palavra nasce do silêncio como um grito de desespero e de busca por identidade. A ausência do amado é um silêncio avassalador que provoca a escrita, transformando esse vazio em uma narrativa que tenta reconstruir a si mesma. O silêncio fundador aparece aqui como a base de onde emerge o desejo de comunicar e dar sentido à experiência.

Quando Soror Mariana exclama: "Vi-te partir, já não posso esperar que voltes e continuo respirar"! há uma resistência implícita (Freire 1972, p.30). A continuidade da vida em meio à ausência e à dor é, em si, uma forma de luta. O silêncio entre a partida do amado e a continuação de sua existência é carregado de uma força que resiste ao esquecimento e ao apagamento de sua experiência. Assim, o silêncio não é passividade, mas resistência ativa à opressão da ausência.

Ao afirmar: "Adeus, quem dera que não te houvesse conhecido! Pobre de mim, sei bem que estou a mentir e reconheço que neste mesmo instante em que te escrevo sou mais feliz no meio das minhas desventuras, amando-te, do que seria se não te houvesse conhecido! – o eu narrador articula uma identidade marcada pela dor e pela paixão. Esse reconhecimento só é possível porque há o silêncio emocional, refletindo sobre si mesma e sobre sua relação com o outro. O silêncio fundador, nesse contexto, é o espaço onde ela reconstrói sua

identidade como mulher que ama, sofre e, paradoxalmente, encontra força em sua fragilidade.

As *Cartas Portuguesas* são uma ruptura com o silêncio histórico que, frequentemente relegava as mulheres como Sórora Mariana Alcoforado ao esquecimento. A própria escrita da carta é uma subversão do papel passivo imposto às mulheres de seu tempo. O silêncio fundador, neste caso, é o ponto de partida para uma narrativa que desafia as normas sociais, religiosas e culturais, articulando a experiência de uma mulher que reivindica voz e presença em um contexto de opressão.

Retomando as ideias de Sciacca (1962), o silêncio é uma dimensão essencial da comunicação e do pensamento. Ele argumenta que o silêncio não representa apenas uma pausa ou interrupção da fala, mas uma presença necessária que antecede e dá sentido à palavra. O silêncio é um estado de interioridade e introspecção que permite a conexão com o que está além das palavras. Sem o silêncio, a palavra perde seu valor, pois se torna superficial e vazia. O autor explana: “Nos sentimentos essenciais, nas esperanças desesperadas, nas esperas desiludidas, nas tristezas radicais, as palavras que urgem e premem sufocadas na garganta são retidas pelo silêncio”. A partir dessa afirmação, compreende-se que nas cartas, a escrita reflete uma voz que luta para articular a totalidade de sua dor, paixão e desilusão, porém, ainda assim, se mostra incapaz de esgotar tudo o que sente. Essa retenção de sentimentos sufocados no silêncio manifesta-se de diversas formas ao longo das cartas.

Sórora Mariana expõe a profundidade de seu amor e sofrimento, como no trecho “*Não sei o que sou, nem o que faço, nem o que quero; estou despedaçada por mil sentimentos contrários.*” Aqui, o excesso de emoções conflitantes parece ultrapassar a capacidade da linguagem, deixando implícito o que o silêncio retém: a incomunicável intensidade de sua experiência. Nas “esperanças desesperadas”, a dualidade entre querer esquecer e desejar ser lembrada é evidente em “promete-me que terás saudades minhas se vier a morrer de tristeza.” Essa frase revela uma súplica silenciosa por importância e memória, onde a palavra parece incapaz de traduzir plenamente o desespero de quem escreve.

Quanto às "esperas desiludidas", percebe-se o silêncio preenchido pelas expectativas frustradas, como em "Esperava que me escrevesse de toda a parte por onde passares e que as tuas cartas fossem longas; que alimentasses a minha paixão com a esperança de voltar a ver-te." A ausência das cartas sonhadas cria um vazio impossível de ser preenchido, mesmo pelas palavras dirigidas ao destinatário.

Voltando a Sciacca (1962), no silêncio o sujeito encontra a si mesmo e consegue se abrir ao conhecimento e à verdade. É no silêncio que o homem se confronta com sua essência, com suas angústias e com o mistério do ser. Assim, ele não é uma ausência, mas uma forma de presença que permite ao sujeito estabelecer um diálogo consigo mesmo e com o transcendente. O autor o vê como um espaço de revelação, onde a palavra verdadeira pode emergir e o sujeito, surgir.

Enquanto o silêncio é introspectivo, a palavra é uma expressão exterior formada no interior do sujeito. O autor acredita que a palavra é essencial para a construção do sentido e para a comunicação com o outro. A palavra, no entanto, só ganha profundidade quando nasce o silêncio. Se este permitir que o indivíduo se conecte com sua verdade interior, a palavra é o meio pelo qual ele comunica essa verdade ao mundo. Nesse sentido, a palavra não é apenas um conjunto de sons ou letras, mas uma manifestação da interioridade.

Soror Mariana, na terceira carta, revela: "Não sei já o que sou, nem o que faço, nem o que quero. Espedacem-me impulsos desconstruídos." (Freire 1962, p.29). A narradora enfrenta um silêncio interno, uma crise existencial, na qual se perde entre seus próprios sentimentos e desejos. A palavra emerge desse silêncio como uma tentativa de dar forma à confusão interior. A palavra, portanto, é a expressão exterior da angústia e da busca pela identidade, nascida de um silêncio caótico que ainda não encontrou resolução.

No fragmento, "Atraícoei-te, peço perdão. Mas não mo dás. Trata-me com mais rigor. Não julgues os meus sentimentos bastante sinceros." (Freire, 1962, p. 30). Soror Mariana ao se confrontar com seu sentimento de culpa, expressa um silêncio íntimo de arrependimento e vulnerabilidade. A palavra se torna o veículo através do qual ela tenta comunicar suas emoções mais profundas ao

destinatário da carta. O silêncio do remorso interno é transformado em uma palavra plena de desesperança e frustração, permitindo que a narradora se manifeste emocionalmente e revele sua verdade interior.

O silêncio e a palavra, de acordo com Sciacca (1962) como elementos interdependentes, onde cada um complementa e dá sentido ao outro. Para ele, o silêncio e a palavra não estão em oposição, mas em uma relação dialética, onde o equilíbrio entre ambos é necessário para uma comunicação autêntica e para o desenvolvimento do pensamento. Sciacca propõe que uma verdadeira compreensão da realidade requer tanto silêncio quanto a palavra, pois o silêncio permite a introspecção e a contemplação, enquanto a palavra permite a comunicação e a expressão introspecção.

Neste excerto, "Não sei já o que sou, nem o que faço, nem o que quero. Espedacem-me impulsos desencontrados. Alguém poderá imaginar um estado tão lastimoso?", expressa a angústia do sofrimento solitário e da impossibilidade de partilhar suas dores com o amado. O silêncio interior de sua reflexão — "não poder partilhar contigo as minhas penas" — é o espaço onde ela vive sua dor sem conseguir comunicar seu sofrimento. Este silêncio, contudo, não é absoluto; ele apenas antecipa a necessidade de a palavra surgir para aliviar ou tentar comunicar esse sofrimento.

Para o autor, o silêncio não é uma ausência ou um vazio, mas uma forma de presença e de comunicação que complementa e dá sentido à palavra. Em um mundo onde a palavra, muitas vezes, é banalizada, o silêncio se torna um valor essencial para a comunicação autêntica e para a busca do conhecimento. A obra é um convite à valorização do silêncio como uma condição necessária para a compreensão do ser e da transcendência, onde o equilíbrio entre silêncio e palavra permite uma experiência mais profunda e completa da vida.

Soror Mariana encontra-se imersa em um estado de introspecção e contemplação, refletindo sobre a partida do ser amado e os danos que sofreu. O silêncio interior, carregado de dor e autoquestionamento, é o espaço onde ela processa seus sentimentos. Esse silêncio não é vazio; ao contrário, é um espaço de preparação onde ela começa a entender suas próprias fraquezas e a complexidade de sua dor. A palavra só surge depois desse processo interno de

reflexão, como uma tentativa de organizar e externalizar o que é profundo e confuso em seu coração.

“O teu afastamento, alguns rebates de devoção; o receio de estragar sem remédio a pouca saúde que me resta com tantas vigílias e apoquentações; a minguada esperança no teu regresso, a frieza da tua afeição e dos teus últimos adeuses, a tua partida fundamentada em pretextos fracos, e mil outras razões boas demais e demasiado simples pareciam oferecer-me um amparo firme, se dele necessitasse. Só e tendo de batalhar comigo mesma, mal podia desconfiar de todas as minhas fraquezas, nem adivinhar tudo o que hoje padeço.” (Freire, 1962, p.28)

Orlandi (2007) esclarece que pensar o silêncio implica considerar a solidão do sujeito em relação aos sentidos que constrói e interpreta. Mais precisamente, trata-se de analisar a trajetória única e solitária do sujeito diante das significações que o cercam. É nesse contexto que as “fissuras” do discurso, ou seja, os espaços de ruptura e ausência, permitem vislumbrar os efeitos do silêncio. O outro, embora não esteja fisicamente presente, participa do discurso de forma ambígua, estando ao mesmo tempo presente e ausente. Essa ambiguidade é crucial, pois os diferentes modos como os sujeitos ou personagens se manifestam no discurso revelam significados importantes sobre suas existências e relações.

Mariana Alcoforado viveu um drama de abandono e perda. Em várias passagens, ela expressou sua dor pela ausência do amante: “Vi-te partir, já não posso esperar que voltes e continuo a respirar.” (Freire, 1962, p.30). Chamilly está ausente fisicamente, mas essa ausência está impregnada no decorrer do texto, uma vez que a ausência do amado ressoa em cada palavra. Esse silêncio da ausência é, na visão dos autores, um espaço de ruptura no discurso, onde a falta de uma resposta concreta do amado (ou a falta de uma carta que esperava receber) cria um vácuo emocional que a autora tenta preencher com suas palavras. No entanto, como Orlandi (2007) aponta, a ausência do outro é ao mesmo tempo presença, pois há a constantemente busca a sua figura, seja em lembranças, seja em tentativas de explicação ou de atribuição de culpa. Esse silêncio da ausência cria fissuras no discurso, que são preenchidas pela narrativa da dor e da perda.

Sciacca (1962) explica que “Ouve-se em silêncio. A dor é silenciosa, anula qualquer rumor, mesmo o arfar da respiração. A profundidade do silêncio é silenciosa, necessita de “interioridade”. Encontramos uma forte ressonância no texto da Terceira Carta. O silêncio e a interioridade da Soror Mariana Alcoforado são revelados através de sua luta interna, onde palavras intensas e conflituosas surgem como uma tentativa de expressar aquilo que permanece oculto, mas que é vivido intensamente no íntimo. “Não sei já o que sou, nem o que faço, nem o que quero. Espedçam-me impulsos desencontrados.”(Freire, 1962, p.29). Soror Mariana encontra-se imersa em um estado de confusão interna, onde seus sentimentos estão em total desordem. O silêncio do seu ser interior é manifesto nas palavras que descrevem sua incapacidade de se reconhecer ou de entender sua própria condição. O silêncio é “interioridade”, pois ela está em uma luta silenciosa consigo mesma, sendo incapaz de encontrar respostas ou de se organizar emocionalmente. O autor vê, nesse silêncio, a profundidade da experiência humana, que não pode ser compreendida sem essa introspecção, sem o espaço da reflexão silenciosa que vem antes da expressão verbal.

“Sinto que os meus remorsos não são verdadeiros, que do íntimo do coração desejava ter corrido, por amor de ti, perigos ainda maiores...” Sórora Mariana reconhece que seus sentimentos são mais complexos do que aquilo que ela expressa superficialmente. O remorso que ela sente não é genuíno porque, no fundo, existe uma camada mais profunda de sua interioridade, onde ela é capaz de, paradoxalmente, encontrar prazer nos próprios sofrimentos. A “interioridade” mencionada por Sciacca (1962) está na profundidade desses sentimentos contraditórios, que só podem ser revelados através de uma introspecção silenciosa e íntima. A palavra que surge desse silêncio, nesse caso, é a tentativa de dar significado a uma experiência que não pode ser totalmente compreendida sem o recuo silencioso para dentro de si mesma.

A dor de Sórora Mariana, sua interioridade e a necessidade de silêncio se manifestam nas palavras que ela usa para expressar seus sentimentos mais íntimos e conflitantes. A dor que ela sente anula o ruído externo e exige uma profunda introspecção, onde o silêncio da experiência interior se transforma em

palavra, ainda que a palavra nunca consiga capturar completamente a profundidade e o impacto do silêncio.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e interpretativo, centrada na análise textual e discursiva da obra *Cartas Portuguesas*, atribuída a Sórora Mariana Alcoforado. A escolha dessa abordagem se justifica pela natureza do objeto de estudo, que requer uma leitura sensível às nuances do discurso epistolar e aos efeitos de sentido produzidos pela articulação entre silêncio e palavra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das *Cartas Portuguesas* permitiu identificar que o silêncio não se apresenta como simples ausência de fala, mas como elemento estruturante da escrita de Sórora Mariana Alcoforado. O silêncio manifesta-se como resistência à dor, como espaço de introspecção e como força motriz da palavra, revelando uma subjetividade dilacerada entre a ausência do amado e a impossibilidade de expressar plenamente o sofrimento.

Com base nos pressupostos de Orlandi (2007), o silêncio é compreendido como produtor de sentidos, funcionando como fenda discursiva que permite a emergência de significados implícitos. Em paralelo, a concepção filosófica de Sciacca (1967) permite reconhecer o silêncio como matriz da palavra e da interioridade humana. A partir desses referenciais, observa-se que a escrita de Mariana transforma o silêncio emocional em discurso apaixonado, tornando a palavra um veículo de resistência à opressão histórica vivida pelas mulheres.

A tensão entre silêncio e palavra aparece de forma recorrente na obra, revelando que a ausência do amado não silencia a autora, mas potencializa sua voz. Assim, o discurso epistolar torna-se lugar de reconstrução identitária e de subversão das normas sociais e religiosas da época.

5 CONCLUSÃO

O silêncio, enquanto conceito fundador, revela-se central tanto em *Formas do Silêncio*, de Eni Orlandi, quanto nas *Cartas Portuguesas* de Sórora Mariana Alcoforado. Nas *Cartas*, o silêncio não se limita à ausência de som, mas se configura como um espaço de resistência ativa, de introspecção e de reconfiguração da identidade. A escritora utiliza esse silêncio não como uma ausência passiva, mas como uma força dinâmica que antecede e molda a palavra. Esse processo é exemplificado nas frases que transbordam sofrimento, onde o silêncio inicial é transformado em narrativa que, paradoxalmente, oferece voz à dor e à paixão. A palavra, que surge do vazio emocional, reflete a complexidade da experiência humana e do sofrimento, marcando uma ruptura com o silêncio histórico e social imposto às mulheres da época.

O filósofo Sciacca (1962) ao refletir sobre o silêncio como espaço essencial para o pensamento e a comunicação, oferece uma chave interpretativa importante para entender a profundidade da escrita de Sórora Mariana. Para ele, o silêncio não é um vazio, mas uma presença significativa, que permite ao sujeito acessar sua interioridade e confrontar suas angústias. Nesse contexto, antecipa a palavra, mas também dialoga com ela, conferindo-lhe profundidade e significado. O silêncio nas *Cartas* revela não apenas a dor do abandono e da perda, mas também o paradoxo da presença na ausência. O silêncio de Sórora Mariana Alcoforado é carregado de angústias e sentimentos conflitantes, configura-se como um espaço de tensão e de possibilidades, de onde emerge a palavra como tentativa de dar sentido à experiência que, muitas vezes, escapa à linguagem.

Neste sentido, elas não apenas expõem uma dor íntima e pessoal, mas também subvertem o papel da mulher na sociedade e na literatura. O ato de escrever torna-se um ato de resistência, onde o silêncio fundador dá origem à afirmação da subjetividade feminina em um contexto de opressão social e religiosa. A escrita de Sórora Mariana não se limita a um desabafo pessoal, mas se transforma em um gesto de contestação ao silêncio histórico que silenciava as vozes femininas. Como apontado por Orlandi (2007), as fissuras no discurso,

ou seja, os espaços de ausência e ruptura, tornam-se territórios férteis para a construção de novas significações, permitindo que o sujeito, ao confrontar sua solidão, reconstrua sua identidade e reivindique sua presença no mundo.

A articulação entre silêncio e palavra, conforme proposto por Sciacca (1962), também se revela na obra de Sórora Mariana Alcoforado como um processo dialético, no qual a palavra ganha profundidade e autenticidade a partir da introspecção silenciosa. O silêncio, longe de ser apenas um momento de ausência, é uma condição necessária para a emergência de uma palavra verdadeira, que reflete a complexidade da experiência humana. A resistência e a transcendência, buscadas por Mariana, encontram-se na interseção entre esses dois elementos, onde o silêncio e a palavra se complementam e se reforçam mutuamente.

Ao explorar a dinâmica entre silêncio e palavra, as *Cartas Portuguesas* não apenas revelam a profundidade da experiência humana, mas também oferecem uma reflexão sobre a própria função da literatura como espaço de resistência e de reinvenção da subjetividade. O silêncio, tanto nas *Cartas* quanto na teoria de Sciacca, emerge como um fundamento crucial para a construção da identidade, da comunicação autêntica e da resistência social, configurando-se como um ponto de partida para a criação de novos significados e para a afirmação da presença no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Mariana. **Cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 1997
- ALCOFORADO, Sórora Mariana. **Cartas de Amor**. tradução segundo Morgado de Mateus, comentário crítico de Conde de Sabugosa. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.
- DELGADO, Humberto. **O infeliz amor de Sórora Mariana**: a freira de Beja. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p.45-69.
- DELGADO, Manuel Joaquim. **Ensaio Monográfico** (histórico, biográfico, linguístico e crítico) acerca de Beja e dos benjenses mais ilustres. Beja: Editorial Império, 1973. p. 197-227.
- FERREIRA, Carlos Aparecido. **A mulher na Literatura Portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do Gênero Epistolar**. São Paulo, FFLCH: 2002. p.48-60.
- FREIRE, Maria da Graça. **Mariana Alcoforado: Cartas**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- FREIRE, Maria da Graça. **Mariana Alcoforado: Cartas**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- GONZAGA, Manuela. **A Freira Portuguesa-Sorora Mariana Alcoforado**. Revista Storm-artes. [S.l.]: 2002. Disponível em: <http://storm-magazine.com/arquivo/Artigos_Fev_Mar2002_1e.htm> Acesso em 30/07/2003.
- GUIMARÃES, Ruth. **Mulheres Célebres**. São Paulo: Cultrix, 1960. p.103-132.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas de silêncio**.: no movimento dos sentidos. 6 ed.. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RIBEIRO, Manuel. **Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado (1640-1723)**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1940.
- ROCHA, Nelly Cecília Paiva Barreto da. **Madre Mariana Alcoforado**: o hábito da solidão. Belém: Imprensa Oficial, 1995.
- SARAMAGO, Alfredo. **Convento de Sórora Mariana Alcoforado**: Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição. Sintra-Portugal: Colares, 1973. p.91-137.
- SCIACCA, Michele Federico. **Silêncio e palavra**. Trad. de Flávio Loureiro Chaves e Maria Teresa Pasquini. Porto Alegre: UFRGS, 1967.